

# Urdimento

Revista de Estudos em Artes Cênicas

E-ISSN: 2358.6958

## Liberdade e Criatividade a partir do Teatro na Prisão: Relato de experiência de uma prática teatral com mulheres em situação de cárcere na zona da mata mineira

Emerson de Paula Silva

Álvaro R. M. Duarte

### Para citar este artigo:

SILVA, Emerson de Paula; DUARTE, Álvaro R. M. Liberdade e Criatividade a partir do Teatro na Prisão: Relato de experiência de uma prática teatral com mulheres em situação de cárcere na zona da mata mineira. **Urdimento**, Florianópolis, v. 3, n. 39, nov./dez. 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/14145731033920200118>

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate

## Liberdade e Criatividade a partir do Teatro na Prisão: Relato de experiência de uma prática teatral com mulheres em situação de cárcere na zona da mata mineira<sup>1</sup>

Emerson de Paula Silva<sup>2</sup>

Álvaro R. M. Duarte<sup>3</sup>

### Resumo

Este relato de experiência constitui um registro, reflexivo, da prática de estágio supervisionado em Teatro, realizada junto à graduação de Licenciatura em Artes Cênicas do Departamento de Artes do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto (DEART/IFAC/UFOP). Neste contexto abrangemos o registro de uma prática, estudo e reflexões sobre o Teatro junto às mulheres em situação de cárcere. Apresentamos, nesse sentido, os desdobramentos e conexões de uma prática teatral a partir da natureza do seu público.

**Palavras-chave:** Teatro. Prisão. Jogos Teatrais.

## Freedom and Creativity from the Theater in Prison: Experience report of a theatrical practice with women in prison in the area of the forest of Minas Gerais

### Abstract

This reflective account describes a theater teaching practicum carried out in the Performing Arts undergraduate course in the Arts Department of the Institute of Philosophy, Arts and Culture of the Federal University of Ouro Preto (DEART / IFAC / UFOP). It recounts the practice of a theater workshop with women prisoners and reflects on this work. It also analyzes the development of such a theatrical practice in the context of its audience.

**Keywords:** Theater. Prison. Theatrical Games.

---

<sup>1</sup> Revisora português: Mariana Janaína dos Santos Alves – UNIFAP

<sup>2</sup> Professor do Curso de Teatro da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Doutorando em Estudos Literários (UNESP). Mestre em Artes da Cena pela UNICAMP, Licenciado em Artes Cênicas pela UFOP. [emersondepaulaubuntu@gmail.com](mailto:emersondepaulaubuntu@gmail.com)

<sup>3</sup> Educador em atividades infanto-juvenis no SESC/SP. Possui formação em Licenciatura em Artes Cênicas pela UFOP. Atuou como oficinairo em diversas instituições e como mediador, ator, produtor, iluminador, entre outras funções do fazer teatral. [taumor@gmail.com](mailto:taumor@gmail.com)

## Libertad y creatividad de el Teatro en la Prisión: Informe de experiencia de una práctica teatral con mujeres en prisión en el área del bosque de Minas Gerais

### Resumen

Este relato de experiencia constituye un registro reflexivo de la práctica de la pasantía supervisada en Teatro, realizada con la licenciatura en Artes Escénicas del Departamento de Artes del Instituto de Filosofía, Arte y Cultura de la Universidad Federal de Ouro Preto (DEART / IFAC / UFOP). En este contexto, cubrimos la grabación de una práctica, estudio y reflexiones sobre el Teatro con mujeres en prisión. En este sentido, presentamos los desarrollos y conexiones de una práctica teatral en función de la naturaleza de su audiencia.

**Palabras clave:** Teatro. Prisión. Juegos teatrales.

A prática teatral relatada aconteceu em 2010, no Complexo Penitenciário da cidade de Ponte Nova (MG) junto à ala feminina da instituição. Tratava-se de um projeto que durou até 2012. Entretanto, o foco deste relato se concentrará no ano de implantação da proposta. Esta ação foi decorrente de dois processos de prática pedagógica, em Teatro, presentes no currículo, à época, do curso de Licenciatura em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) (MG).

Em decorrência do oferecimento da disciplina Teatro no Ensino Profissionalizante que buscava abranger práticas pedagógicas, em Teatro, no contexto da educação formal a partir de cursos técnicos na mesma área, e também, no contexto da educação não-formal compreendidas por organizações não governamentais (ONG's), espaços religiosos, comunidades, grupos de Teatro, fábricas, presídios, APAE'S (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), centros de atendimento psicossociais, entre outros, buscamos ampliar o entendimento do fazer teatral para além do espaço escolar.

O diálogo, desta disciplina, com o Estágio Supervisionado 2, que ofertava também a vivência de processos de investigação e problematização da realidade do Teatro-Educação em espaços formais e informais, fez com que o docente responsável por tais disciplinas apresentasse aos/às discentes diversos espaços em que o fazer teatral poderia se fazer presente e ser trabalhado a partir dos diferentes públicos que estes espaços abrigavam/congregavam. Um grupo de alunos/alunas optou então por fazer uma imersão junto ao Complexo Penitenciário de Ponte Nova. Este processo, que contou com o apoio e acompanhamento direto do docente, procurou promover processos do fazer cênico buscando o potencial estético e a construção de possibilidades poéticas junto às participantes.

### Projeto de iniciação e sensibilização teatral *Libert(arte)*: a busca de uma liberdade artística

O projeto *Libert(arte): a busca de uma liberdade artística* no Complexo Penitenciário de Ponte Nova, contou com a participação na execução, dos autores deste relato e a presença da licenciada em Artes Cênicas pela UFOP Thálita Motta.

O projeto visava à experimentação de práticas teatrais para um público de apenas da ala feminina daquela instituição. A partir dos estudos de Concilio(2006) que sistematizou uma publicação sobre o fazer teatral junto ao ambiente prisional, o grupo de trabalho buscou entender quais seriam os aspectos a serem trabalhados no projeto em questão.

A partir das metodologias apresentadas por Concilio (2006), avaliamos quais delas seriam mais eficazes à realidade em que estávamos inseridos. Um dos desafios foi procurar outra metodologia do fazer teatral; diferente da proposta pelo teatrólogo Augusto Boal e o sistema do Teatro do Oprimido, uma vez que esta metodologia é muito utilizada em projetos de Teatro na prisão. Para Freire (1987), a inserção lúcida na realidade, na situação histórica, leva à crítica desta mesma situação e ao ímpeto de transformá-la. Conscientes da necessidade de entendermos os processos criados na relação opressor-oprimido discutida amplamente pelo educador Paulo Freire (1987), e não ignorando o contexto social do público-alvo participante, optamos em estabelecer processos de contextualização crítica para a sociedade, a partir de uma alfabetização estética.

Neste sentido, entendemos que o sistema de jogos teatrais propostos pela teatróloga Viola Spolin (2010) se adequariam melhor ao que buscávamos implementar, uma vez que o objetivo principal era promover o direito à cultura através do contato com o fazer teatral e como esta experiência promoveria diálogos reflexivos para a realidade pessoal de cada participante. Optamos, também, em entender a importância da prática pedagógica em Teatro em ambientes não escolares, nos pautando na construção de processos artísticos-educacionais, não priorizando a construção de espetáculos ou apresentação de resultados estéticos e produtos finais da oficina.

Spolin (2010) parte do princípio de que todas as pessoas são capazes de atuar no palco, de jogar, de improvisar e de aprender por meio da experiência. O trabalho com jogos teatrais spolinianos, como eles se constituem, não carecendo de adaptações em sua constituição, se mostrou eficaz uma vez que:

O jogo estimula a criação de formas simbólicas, daí a vantagem de sua utilização como meio para introduzir o indivíduo na experiência teatral, pelas vias da intuição, sem tensão ou verborragia desnecessárias. O significado do jogo é realçado a medida em que propõe um problema cênico a ser solucionado, exigindo o envolvimento total dos jogadores, o acordo de grupo sobre as regras, a interação, a agilidade e, conseqüentemente, o crescimento dos participantes. Concentrar as energias no foco do jogo, liberar energia para resolver o problema, cumprir regras, provoca a espontaneidade, a coragem e o desbloqueio. Na busca da agilidade necessária para atingir o objetivo almejado, o corpo todo se abre, se reintegra, se arruma. As regras, as limitações impostas, ao invés de restringirem o jogador, possibilitam a resolução do problema teatral, e o próprio aprendizado das técnicas e convenções teatrais, de maneira lúdica e não verbal. (Rabêllo, 2011, p. 24).

O Complexo Penitenciário abriga homens e mulheres, no qual existe apenas uma ala feminina. Neste contexto, após aceitação total de realização do projeto pela Direção da instituição, nos foi sugerido que, inicialmente, trabalhássemos com a ala feminina, por ser apenas uma ala e possuir um número menor de pessoas em situação de cárcere. Neste sentido, a instituição considerou que teria melhores condições de proporcionar o suporte técnico, logístico e pedagógico ao projeto, pois existiam cerca de nove alas masculinas com especificidades de separação de público e, a princípio, a instituição julgou não conseguir, naquele momento, selecionar qual ala masculina deveria participar da proposta.

A sugestão de trabalhar com a ala feminina foi acatada, pois no momento, nos interessava promover as Artes da Cena no espaço prisional. A partir de uma observação interativa, fizemos incursões no espaço penitenciário, onde realizamos ações diagnósticas para testar o potencial educativo do espaço. Tivemos ainda palestras e oportunidades de conversar com outros/as profissionais que já tinham experiência com o sistema penitenciário: uma professora que lecionou em projetos similares, a psicóloga, a assistente social, a pedagoga da instituição, o diretor e agentes do Complexo Penitenciário que, dialogaram conosco dentro da Universidade sobre as peculiaridades do trabalho num espaço tão controlado. Esse fato promoveria reflexão sobre o Teatro, na prisão, para todos/as alunos/as matriculados nas disciplinas anteriormente citadas.

Assim, nosso projeto foi embasado tanto pelas indicações dos próprios

profissionais, quanto pelas sugestões das apenadas, em entrevista inicial e diagnóstica, que foi realizada pelo grupo com as mesmas. Elas se mostraram interessadas em participar das oficinas de Teatro, de forma que, os anseios de ambas as partes, da gestão prisional e das apenadas, interagiram para a elaboração prática dos conteúdos a serem trabalhados.

Tais anseios nos apontavam demandas cruzadas. O que era considerado nocivo ou negativo, nos indicava a necessidade de um esforço, no sentido oposto. Assim, os procedimentos de controle e a supressão da liberdade física, nos indicavam a necessidade de se trabalhar o corpo das participantes, como área de liberdade. O medo e a desconfiança dos/das agentes penitenciários, sempre armados/as e tensos/as, indicavam-nos que era necessário confiar no ser humano, e todas deveriam ser entendidas como sujeitos em transformação.

Portanto, tivemos como foco constante a possibilidade de redescoberta, naqueles corpos presos, da autoestima e do respeito mútuo, pensando que o fazer teatral, neste âmbito, tem muito a contribuir. O processo de redescoberta corporal passou, então, pela experimentação e pela conscientização/percepção das possibilidades sensitivo-motoras corporais a fim de valorizar a experiência e o espaço corporal, pois acreditávamos ser possível atingir nossos objetivos de redescoberta física e pessoal das apenadas sobre si mesmas.

A proposta de levar a Arte/Teatro às penitenciárias se justificou também pelo isolamento que é imposto às/aos apenadas/os do regime fechado. O Teatro enquanto técnica de investigação corporal, social e espacial poderia servir de tentativa para refletir as relações inter e intrapessoais, de expandir as condições pedagógicas do isolamento em direção ao aprendizado pessoal e à ressocialização das detentas. O indivíduo reformulado, pela pena imposta, adquire em seu corpo marcas físicas desta reeducação, assumindo muitas vezes uma nova postura corporal firmada na repressão das pequenas regras da instituição. Ocorre a transformação do corpo orgânico (de ação) em um corpo mecanizado (de reprodução), tornando-o dócil e manipulável, pois, segundo Foucault (1996, p. 208):

A obriedade da prisão se fundamenta também em seu papel, suposto ou

exigido, de aparelho de transformar os indivíduos. Como não seria a prisão imediatamente aceita, pois se só o que ela faz, ao encarcerar, ao retrainar, ao tornar dócil, é reproduzir, podendo sempre acentuá-los um pouco, todos os mecanismos que encontramos no corpo social?”.

Muito frágil e homogênea, no geral, era a disposição corporal das apenadas. Oficina após oficina, nos trabalhos de livre improvisação, nos alongamentos lúdicos, nos jogos musicais e motores, os corpos eram (re)descobertos.

### Contextualizando a prática pedagógica em Teatro

Os encontros semanais aconteceram no pátio da ala feminina e a participação não era obrigatória das apenadas. O convite foi realizado às integrantes da ala, de forma geral, mas só participaria quem tivesse interesse. O contato com as Artes da Cena não acontecia atrás das grades, mas num espaço de encontro entre toda a turma envolvida, a céu aberto, mesmo estando envoltas entre grandes muros. Propusemos práticas teatrais que possibilitassem às apenadas o uso crítico/reflexivo do corpo e da voz aumentando a expressividade e o autoconhecimento corporal. Também foram desenvolvidas práticas de jogos teatrais a partir do sistema de Viola Spolin (2010) devido ao seu intrínseco caráter didático e lúdico, utilizando ainda jogos musicais, de ritmo, de improvisação e fruição, concentração e criatividade.

Para possibilitar a fruição, dividíamos o público em grupos de modo que, enquanto um grupo apresentasse suas criações, o outro assistisse, possibilitando um distanciamento para a observação crítica por meio da ação/reflexão, ou seja, a práxis pautada na metodologia de trabalho escolhida. Jogos de descontração e aquecimento foram realizados em roda, duplas e trios, de modo que buscávamos, sempre, desenvolver a coletividade. Também estimulamos o oferecimento de apresentações teatrais e musicais ao público do projeto a fim de tornar possível a fruição sobre a Arte produzida fora da penitenciária, pois detectamos que muitas delas não possuíam um contato direto com a experiência teatral.

Ser espectadora era também importante, no processo de sensibilização

teatral daquelas mulheres. Alguns conteúdos da prática teatral foram utilizados para orientar o desenvolvimento, enquanto foco, do encontro educativo. Entre eles, citamos alguns: o corpo cênico, a relação entre Espaço Cotidiano e Espaço Cênico, práticas de relação de movimento e ritmo, a improvisação, o "Quem", o "Onde", o "O quê" dentro da prática a partir do sistema de jogos teatrais de Viola Spolin (2010) e o sensorial e o racional no despertar de um corpo sensível.

Devido as oficinas serem realizadas às segundas-feiras, era presente a "ressaca" do dia de visitas marcado sempre nos fins de semana. O dia de visitas é o momento em que as detentas e detentos recebem, no Complexo Penitenciário, seus familiares próximos tendo deles as notícias externas à penitenciária aguçando a saudade do convívio externo e familiar. Por ser um ambiente coletivo e de sociabilidade controlada, as emoções são compartilhadas, muitas vezes, de forma não verbal. E a tristeza, quando notada em alguém, logo é assimilada pela maioria das/dos que convivem naquele espaço. E era, neste ambiente de tristeza compartilhada, que íamos, semanalmente, com o suporte técnico e logístico da UFOP e do Complexo Penitenciário, oferecer as nossas oficinas de iniciação teatral.

Planejamos que as oficinas do projeto seriam também um espaço de criação teatral, pelo viés da iniciação, já que tínhamos observado que, somente uma das apenas interessadas em participar, declarou já ter experiência com Teatro. Vários foram os momentos em que experimentamos os sons, em jogos musicais e de ritmo. A improvisação foi fator importante na evolução das aulas, sendo sempre, usada em todos os encontros, estimulando a criatividade e permitindo desencontros na execução dos exercícios propostos entendendo os "desencontros" não como erro, mas como construtores de sentido.

Algo que marcou muito o nosso projeto na Penitenciária foi a saída das detentas para ir ao Campus da UFOP em Ouro Preto (MG) para participar de um encontro sobre Teatro em Penitenciárias e Clínicas de Reabilitação. A Direção geral do Complexo Penitenciário autorizou e acompanhou a saída das detentas. Na oportunidade puderam falar ao microfone enquanto palestrantes, discursando sobre a experiência de fazer Teatro na penitenciária. Esta prática de relatar e avaliar as oficinas, publicamente, se transformou num momento ímpar de registro

do processo vivenciado e da experiência criativa e criadora realizada em conjunto.

### As portas da prisão abertas para os Artistas

O projeto para essas oficinas na Penitenciária previa, para a fruição estética do público-alvo, a visita de Artistas que entrariam na instituição sob nossa mediação, para se apresentarem ao público de apenas participantes da oficina de Teatro. Estas experiências de fruição foram muito aproveitadas e elogiadas pelas participantes, uma vez que o trabalho de exercício do senso estético nos torna mais sensíveis às obras de Arte e, por consequência, mais sensíveis em nossas vidas aos problemas, dificuldades e conflitos.

Apresentações de música, dança, declamação de poesias e lançamento de livros aconteceram junto/para/com as alunas do projeto. O grupo Matulandante, formado pelos licenciados em Artes Cênicas da UFOP, Daniel Sapiência e Saulo Campos, apresentou dois miniespectáculos: *A história dos três bois* e *A História de Chico Rei - o Rei-Galanga*. Esta apresentação aconteceu na última visita à penitenciária no ano de 2010, e após esta experiência, as apenas produziram relatos avaliativos do nosso trabalho, redigidos na mesma data em forma de cartas pelas participantes que quisessem escrever sobre o processo de nossas oficinas no espaço da penitenciária.

Nesta ação, a possibilidade de serem espectadoras se mostrou um ato pedagógico ao projeto pois o contato com o Teatro enquanto produção cênica, promoveu uma experiência potente uma vez que “a noção de experiência estética tangencia uma direção para a própria prática do espectador”. (Coradesqul, 2018, p.42).

### Processos de avaliação do alcance do projeto

A proposta de escrever em formato de carta deveu-se ao fato delas, em sua maioria, conhecerem e praticarem este formato de escrita no espaço penitenciário podendo com este exercício trabalhar uma prática de escrita, cujo modelo usado,

era do interesse do grupo. A avaliação geral deste projeto foi realizada ainda por diferentes sujeitos. As participantes foram ouvidas sistematicamente, aula a aula, sempre com vistas a avaliar o que foi aproveitado e assimilado, o que havia funcionado ou não e por quê. Ouvimos também os relatos variados das/dos agentes penitenciárias/os que acompanhavam as oficinas fazendo a guarda da ala feminina a fim de saber o que modificava, na visão deste grupo, a nossa presença no espaço prisional.

Além das propostas formais de avaliação, pedimos que as participantes produzissem protocolos ou textos livres discutindo os conteúdos trabalhados durante a realização do projeto, a recepção aos espetáculos assistidos e a participação delas neste processo. A avaliação, mais contundente, se focou na observação constante da evolução das participantes em seus potenciais expressivos, ou seja, a avaliação pôde ser a própria propulsora do processo de aprendizagem, pois, quando realizada constante e ininterruptamente a avaliação do desenvolvimento permite apurar o alcance ou não dos objetivos propostos. Havia o interesse de tratar os conteúdos teatrais com as apenas a partir de suas práticas, trabalhando o potencial criativo, estimulando a vivência artística e social, crítica e criativa, além de propor experiências artísticas que formassem melhor leitura dos signos de comunicação verbais, não verbais, estéticos e corporais na sensibilização dos corpos para a sua totalidade, a fim de discutir as relações do cotidiano com poesia.

A vontade expressa pelas participantes do projeto em continuar as práticas teatrais se apresenta como estímulo às instituições penitenciárias a apoiarem este tipo de iniciativa, uma vez que a maior parte do tempo que passam presas, as detentas se mantêm, na maioria dos casos, na ociosidade. Assim, o sistema as prende e as comprime, em celas, entendendo que a reclusão, por si só, será um processo de autorreflexão individual no coletivo. Por isso, acreditamos que o Teatro tenha sido tão bem recebido por elas dentro da Penitenciária, uma vez que o mesmo não era uma atividade obrigatória, nem remunerada, nem passível de remissão de pena. Participar da oficina de Teatro era um ato de escolha pessoal capaz de gerar processos pessoais de autorreflexão no/com e para o coletivo.

Os alongamentos, os jogos, as improvisações, as narrativas, as canções e as cenas apresentadas, cantadas e criadas por elas, fizeram-nas rever, discutir e refletir sobre aquele lugar onde estão presas, e também possibilitou a saída dele, não só física como na ida à UFOP, mas também psicologicamente. Através da criação imaginária de outros espaços a partir da prática teatral, elas transitaram por diferentes lugares: fizeram churrasco na laje, foram e voltaram do trabalho, denunciaram o relacionamento abusivo e a violência doméstica, viajaram no lombo de bois, pegaram carona num ônibus, foram ao cabeleireiro, à manicure, ao pagode e ao samba, saindo do monótono espaço penitenciário para transitar, no mundo das ideias, se revendo enquanto seres humanos que são, capazes, sensíveis e fortes.

A realização desse projeto estimulou, ainda, a realização de outros projetos similares no departamento de Artes Cênicas da UFOP, inclusive na própria cadeia pública de Ouro Preto, município onde está situado o curso de Artes Cênicas da Universidade.

### Sensibilidade e Identidade como manutenção e afirmação de Liberdade

O projeto *Libert(arte): a busca de uma liberdade artística* no Complexo Penitenciário de Ponte Nova se mostrou importante proposta para a redescoberta desses corpos individuais e para a livre expressividade desses sujeitos massificados por um conjunto de regras a serem cumpridas. Em meio a tantas regras institucionais, os jogos teatrais, que também trabalham com orientações a serem seguidas, possibilitaram o desenvolvimento da sensação e da experiência de liberdade, mesmo dentro de regras estipuladas, uma vez que havia o entendimento destas e como estas devem se dar de forma individual e no coletivo uma vez também que estes são princípios do sistema de jogos teatrais propostos por Spolin (2010). Adaptamos os jogos teatrais enquanto processo educativo para o desenvolvimento da espontaneidade e do despertar do corpo. Na medida da redescoberta pessoal e do domínio do uso integrado da linguagem cênica por cada apenada, não se buscavam resultados pragmáticos mas sim o desenvolvimento

de um novo olhar sobre as possibilidades artísticas em um espaço considerado estéril e a transposição do processo de aprendizagem para a vida diária.

Ao trabalhar esse corpo sensível o indivíduo torna-se mais aberto ao diálogo com o outro e com o espaço ampliando sua visão estética sobre o cotidiano e se abrindo para a poética do dia a dia mesmo em um ambiente repressor como o modelo de Penitenciária instituído no Brasil.

No que tange pensarmos ainda na experiência deste projeto de estágio na formação de licenciandos em Teatro averiguamos que “o estágio funciona, então, como um modo de vivenciar a formação da prática profissional. Isto é, espaço de diálogo entre o imaginário teatral esboçado na formação curricular da licenciatura e as práticas teatrais contemporâneas vivenciadas por eles” (Almeida Junior, 2010, p.4). Portanto, nos estudos teatrais contemporâneos, a prática pedagógica em Teatro precisa dialogar com outros espaços para além do escolar e com outros públicos pertencentes as diversas camadas sociais. Nesta perspectiva é que o espaço prisional precisa ser habitado por ações formativas culturais.

Se quisermos ter garantias de que os apenados e as apenadas sairão da Penitenciária reflexivos/as da vivência neste espaço, precisamos contribuir para que o espaço prisional mude urgentemente. Ao contrário do que viemos fazendo em nossas prisões, é importante reforçar a dignidade do ser humano, valorizando o pensamento e o conhecimento. É preciso confiar na formação educativa e a presença da Arte/Teatro nesta formação contribui para tornar mais humanizado o ambiente carcerário. Esta é uma contribuição que os cursos de Licenciatura em Artes Cênicas podem trazer, uma vez que ações oriundas da Universidade podem ser motivadoras da implantação de políticas públicas de cultura, saúde, educação, segurança e serviço social no ambiente carcerário.

Neste relato de experiência percebemos que a liberdade, não excluindo a questão física e espacial, é também algo subjetivo, pessoal, que atravessa canais como a sensibilidade para que prisões não se instalem em nossos próprios corpos e mentes nos deixando encarcerados em nós mesmos, em realidades impostas, em grades mentais. Ser livre é também acreditar que os direitos sociais e culturais

são inerentes a todas e todos e que este exercício de liberdade com criatividade começa na possibilidade de oportunizarmos, ampliarmos e trocarmos conhecimentos com os mais diversos públicos, até mesmo aqueles que estão atrás das grades.

## Referências

ALMEIDA JUNIOR, José Simões de. O estágio curricular e a formação do artista docente. *VI Congresso de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas*. 2010. Disponível em: [https://www.academia.edu/703154/O\\_est%C3%A1gio\\_curricular\\_e\\_a\\_forma%C3%A7%C3%A3o\\_do\\_artista\\_docente](https://www.academia.edu/703154/O_est%C3%A1gio_curricular_e_a_forma%C3%A7%C3%A3o_do_artista_docente) . Acessado em: 29/06/2020.

CONCÍLIO, Vicente. Teatro e Prisão – Dilemas da Liberdade Artística em Processos Teatrais com População Carcerária. Dissertação de Mestrado apresentada na ECA/USP, sob Orientação de Maria Lúcia de Souza Barros Pupo. São Paulo. 2006.

CORADESQUI, Glauber. Experiência e Mediação de Espetáculos. Vinhedo. Editora Horizonte, 2018.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir – história das violências nas prisões. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

RABÊLLO, Roberto Sanches. Teatro-educação: uma experiência com jovens cegos. Salvador: EDUFBA, 2011.

SPOLIN, Viola. Improvisação para o Teatro. Tradução e revisão Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Perspectiva, 2010.

Recebido em: 08/05/2020  
Aprovado em: 10/07/2020

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC  
Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT  
Centro de Arte - CEART  
*Urdimento* – Revista de Estudos em Artes Cênicas  
[Urdimento.ceart@udesc.br](mailto:Urdimento.ceart@udesc.br)